

A Donzela¹

Elisângela BISPO²

Abel OLIVEIRA³

Dayse SANTANA⁴

Jéssica GONÇALVES⁵

Jonathan SOUZA⁶

Márcio FRAZÃO⁷

Ayeska PAULAFREITAS⁸

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

RESUMO

Este trabalho foi elaborado em equipe para crédito da disciplina Oficina de Rádio Educativo, do Curso de Comunicação Social – RTV, da UESC, no semestre 2014.2. Trata-se de uma peça radiofônica com 13'54'' de duração, produzida com o objetivo de explorar os inúmeros recursos disponíveis no meio rádio para a realização de uma peça ficcional dramatizada. O resultado foi obtido com a adaptação do conto “A Verdade”, de Luis Fernando Veríssimo, da linguagem literária para a linguagem radiofônica, no formato radiodrama.

PALAVRAS-CHAVE: rádio; radioconto; radiodrama; adaptação; linguagem radiofônica.

1 INTRODUÇÃO

Difícil encontrar quem não gosta de uma bela história. Walter Benjamin (1993) relata a existência de narradores tradicionais, fossem viajantes ou sedentários, como responsáveis pela preservação da memória de um povo, pela via da oralidade. Com a invenção da imprensa e o desenvolvimento do hábito da leitura, surgiram os narradores que registravam fatos e invenções através da linguagem escrita. No entanto, desde a criação de tecnologias como o telefone e o rádio, houve um retorno à oralidade como modo de comunicação. Com o advento do cinema e, posteriormente, da televisão, a sociedade

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Rádio, TV e Internet, modalidade RT 03-Ficção em Áudio e Rádio.

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social-UESC, email: lisabjaf@hotmail.com.

³ Estudante do 7º Semestre do Curso Comunicação Social – Rádio e TV, email: abel.snst@hotmail.com.

⁴ Estudante do 7º Semestre do Curso Comunicação Social – Rádio e TV, email: dayse_pretty2007@hotmail.com

⁵ Estudante do 7º Semestre do Curso Comunicação Social – Rádio e TV, email: jessicatopy@hotmail.com

⁶ Estudante do 7º Semestre do Curso Comunicação Social – Rádio e TV, email: jonathansouza14@hotmail.com

⁷ Estudante do 7º Semestre do Curso Comunicação Social – Rádio e TV, email: prof.frazaio@oi.com.br

⁸ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social– Rádio e TV, email: apaulafreitas10@gmail.com.

ocidental, especialmente, acostumou-se muito mais a ver do que a ouvir histórias, e atualmente vivemos a era da imagem digital, que não apenas está em movimento, mas também possibilita a interação com o espectador.

A cultura do oral, que no século XX predominou durante a era de ouro do rádio, passou a uma posição secundária com a era da imagem. Nesse contexto, o rádio foi perdendo espaço para as produções audiovisuais, principalmente depois da popularização da TV, mas não sucumbiu diante do visual como alguns previram. Embora vivamos uma “overdose” de imagens, que nos bombardeiam todos os dias, como enfatiza Adami (2002), o rádio continua sendo o segundo veículo de comunicação de massa com maior alcance no mercado, e a porta de transmissão para todo tipo de conteúdo onde o sinal de TV é de péssima qualidade ou nem mesmo chega. Contudo, o que é um fator positivo para rádio, também é um ponto melindroso para os profissionais do rádio.

Como o som não suplanta a imagem, pelo contrário, ele gera imagens sonoras, no caso da radiodramaturgia esse ponto favorável é o principal desafio das adaptações literárias: conseguir transpor os limites do papel ou das telas para representar a história apenas oralmente, com a mesma riqueza de “imagens”, que serão geradas exclusivamente a partir do desenho de som e da interpretação dos atores. A grande vantagem do radioconto é que, por estarmos acostumados ao visual,

Contar história é sempre mágico. Quando entramos neste universo é para viver o mundo dos sonhos dos autores e nossos anjos e demônios. As tramas vão se desenvolvendo e nos conduzindo em seus desdobramentos, os contratos concebidos e rompidos entre as personagens e toda a sedução, a paixão engendrada pelo autor na obra original, nos levará a uma cumplicidade e intimidade com o autor. (*Id., ibid.*, p. 3).

É no texto *O livro e a imagem sonora* que Adami (2001) tratará mais diretamente das adaptações literárias para o rádio. O autor tenta desenvolver algumas reflexões sobre a adaptação de textos narrativos para o rádio, contribuindo para aprimorar o entendimento entre a literatura e o ouvinte. Ele propõe algumas reflexões sobre o ato de adaptar e a “fidelidade” ao original, entre os quais existe uma relação muito estreita e problemática. Modificar ou manter intacto? Ignorar o público ou suscitar seu interesse? Para o autor, tais questionamentos norteiam as discussões textuais sobre a imagem sonora nas adaptações literárias para o rádio. Ele ainda ressalta que a tarefa é

um exercício constante de reconstrução de imagens, a partir de sons, apenas pressupostas no texto de partida. É isso o que fascina, pois a literatura cria uma relação de cumplicidade muito grande com o leitor, de que dependendo de sua visão, cultura, informação etc. pode chegar a um maior aprofundamento ou não no entendimento da obra (Id., *ibid.*, p. 3).

Outra observação importante feita por Adami, é que os textos literários estão, necessariamente, “predispostos às fraturas, quando adaptados” (Adami, 2001, p.4), já que não foram originariamente pensados para o rádio. O autor revela que o momento mais crucial no processo da adaptação é quando o roteirista precisa transitar entre a palavra-imagem tentando reconstruí-la em palavra-sonora. Assim, quando pensamos em adaptar colocamos não apenas as nossas “paixões íntimas” e confessionais de gosto pessoal – tanto pelas personagens quanto pelo autor do conto - mas também consideramos o que poderia interessar, de alguma maneira, à sociedade e ao público ouvinte.

2 OBJETIVO

O objetivo da realização do radioconto foi possibilitar a experiência de adaptar um texto literário para a linguagem radiofônica e gravá-lo em estúdio, partindo das reflexões teóricas propostas pelos autores estudados.

3 JUSTIFICATIVA

As produções dramáticas de rádio tiveram desde o início uma forte ligação com a literatura, sendo adaptadas inicialmente das histórias dos folhetins. De acordo com Medeiros (1998), as primeiras radionovelas, exibidas a partir da década de 1930 nos Estados Unidos, foram adaptadas de trechos de romances presentes em jornais diários. Em pouco tempo, o gênero se tornou sucesso entre os americanos, tomando como base os investimentos de patrocinadores do ramo de limpeza e da popularização de aparelhos receptores de rádio.

Seguindo a mesma receita de sucesso dos Estados Unidos, as novelas radiofônicas chegaram ao Brasil, ancoradas também nos altos investimentos em publicidade de empresas nacionais e estrangeiras. As produções tinham como base as características que tornaram o gênero popular em outras partes do mundo, como o melodrama. A primeira radionovela do país foi ao ar em 1941, na Rádio Nacional, com o nome *Em busca da Felicidade*. A obra do cubano Leandro Blanco foi traduzida para o português por Gilberto Martins. No mesmo ano, foi veiculada na Rádio São Paulo a novela argentina *A Predestinada* e, posteriormente, a primeira produção de origem brasileira, *A Fatalidade*, escrita por Oduvaldo Viana.

Medeiros (*op. cit.*), observa ainda que as empresas de sabão dos Estados Unidos patrocinavam as radionovelas, enxergando a necessidade de oferecer alternativas de entretenimento para um público em potencial, as donas de casa. “Eles constataram isto mediante pesquisas, que acusaram ainda que durante os afazeres domésticos as mulheres preferem ouvir algo de entretenimento ao invés de didático” (Medeiros, 1998, p. 40). No Brasil, como atraíam um público feminino muito grande, as radionovelas, em geral, tinham patrocínio de produtos de beleza e higiene produzidos por empresas multinacionais. A grande audiência e o patrocínio fácil proporcionavam a manutenção de um elenco numeroso. Segundo Goldfeder (1980), nos anos 1950 a Rádio Nacional tinha 55 radioatores e 40 radioatrizes no seu corpo de funcionários.

Desse modo, analisando a importância e o sucesso das novelas radiofônicas no Brasil e no mundo, a intenção da realização do radioconto *A Donzela* foi também recuperar o interesse dos que viveram no período de popularização das radionovelas e suscitar, em quem não conhece o gênero, o desejo de apreciá-lo.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A adaptação de uma obra literária para outro suporte exige uma compreensão detalhada da linguagem para a qual será transposta. Desta maneira, a história pode ser recontada e esta, portanto, pode ter constantes mudanças, a depender da visão do autor. Para Adami (2002), “[...] adaptar é essencialmente manter a espinha dorsal do texto de partida, caso contrário não podemos dizer que seja uma adaptação, mas sim um texto baseado ou ainda inspirado em.” (p. 87).

Usando o método de análise simples de conteúdo, sugerido por Bauer (2004) selecionamos os contos que melhor seriam compreendidos pelo ouvinte, e de fácil

interpretação teatral e reprodução sonora, obedecendo aos critérios de tamanho do texto, tipo de linguagem e estilo - com os quais nos identificávamos. Desta forma, concluímos que o melhor conto para o trabalho de adaptação seria o texto *A verdade*⁹, de Luís Fernando Veríssimo, inclusive o que melhor apresentava elementos possíveis de ser adaptados ou sonorizados. Como a narrativa apresenta certo toque de humor, consideramos que este recurso estilo seria um grande diferencial para despertar a atenção do ouvinte, um contraponto à quantidade de informações sobre violência, mortes e corrupção que circula constantemente pelos veículos de comunicação mais populares.

4.1 As personagens e roteiro final

No processo de adaptação não houve exclusão de personagens da história original, Pelo contrário, julgamos necessário acrescentar uma personagem que intensificasse o tom humorístico da narrativa do radioconto. Foi daí que surgiu a criação do Cospe-Fogo – o capanga, braço direito, do coronel Fernão¹⁰, que é o pai da donzela Anabelle. Os nomes das personagens não existem na crônica original.

Com a entrada de Cospe-Fogo, surgiu a possibilidade e a necessidade de construção de diálogos entre ele e o pai de Anabelle, o que enriqueceu a história, tornando-a mais complexa, mais atrativa e mais fluida. A ideia da nova personagem só veio no decorrer do processo. À priori, foi pensada a criação de um jagunço perigoso, perverso e destemido. Entretanto, para fugir aos antagonistas tradicionais e para retirar o peso da violência, mantivemos as características de “malvado” para essa personagem, até por conta de sua função de capanga, mas a “maldade” e seriedade do empregado do coronel se dilui nas atrapalhadas e voz afinada de uma personagem mais leve e descontraída. Como pensamos num produto que alcançasse ao público em geral, essa desconstrução foi acontecendo gradativamente, durante a escrita do roteiro, e continuou sofrendo mudanças até chegarmos aos ensaios com os atores. A personalidade atribuída ao Cospe-Fogo contrapõe o peso de muitas cenas na narrativa original, que apresentam mortes, assassinatos, mentiras e insinuação de sexo, ainda que de forma curta.

⁹ Disponível em: <<<http://www.casadobruzo.com.br/poesia/l/verdade.htm>>>.

¹⁰ No conto de Luiz Fernando Veríssimo, nenhum personagem possui nome. Os nomes Anabelle e Cospe-Fogo foram dados por nós, adaptadores, para serem usados nos diálogos da obra radiofônica, já Fernão, o nome do pai de Anabelle, também foi dado por nós, porém, não é citado no radioconto, serviu apenas para organização da equipe de produção.

Os outros três personagens, já existentes no conto de Luis Fernando Veríssimo, permaneceram com seus perfis psicológicos originais. A donzela Anabelle é uma garota doce, porém dissimulada, que paga o preço de mentir e mentir sequencialmente; o pai Fernão é um super-protetor autoritário e o pescador, apesar de inocente, também é dissimulado o suficiente para criar uma história falsa e, assim, escapar da morte. Os irmãos da donzela, presentes no conto original, foram transformados em empregados da fazenda, que juntamente com Cospe-Fogo e o coronel saem em busca do suposto ladrão do anel da Anabelle. Essa mudança é justificável: na crônica original, os irmãos saem à caça do assaltante, o que demandaria mais atores para interpretação e mais recursos sonoros. Se todos fossem convertidos em empregados, representados pela figura do Cospe-Fogo, eles seriam como um bando, facilmente trabalhado em áudio com a duplicação de track's com sons de cavalos galopando.

4.2 Gravação

As gravações foram feitas no estúdio do laboratório de som do curso, com o auxílio direto do técnico do laboratório e sob a supervisão da professora Ayeska Paulafreitas. Contamos com a participação de outros alunos da turma fazendo figuração e personagens importantes como o Cospe-Fogo e o pescador.

Determinadas as funções, a gravação foi dirigida por Abel Oliveira, cabendo a Elisângela Bispo e a Jéssica Gonçalves a produção, o ensaio com radioatores e a assistência à direção geral; ao Jonathan Souza e ao Márcio Frazão coube toda parte de desenho de som e atuação como atores; Dayse Santana atuou como atriz principal; Elisângela Bispo gravou a vinheta de abertura e a ficha técnica do radioconto; ao técnico do laboratório de som, Samuel Touché, coube a edição do produto, acompanhada por todos os membros da equipe, sob a direção do Abel Oliveira e Elisângela Bispo.

4.3 Sonoplastia e Montagem

O som exercita a imaginação dos ouvintes, pois cria imagens sonoras, como já dissemos. Neste caso, a interpretação dos radioatores mais os elementos sonoros incorporados tornam-se um todo que pode enaltecer tanto a obra original quanto sua nova

construção, de acordo com Adami (2002). E uma vez que o processo envolveu uma adaptação para o rádio, buscamos utilizar o máximo possível de recursos sonoros que destacassem as ações dos personagens e a paisagem sonora da narrativa. Diversas pistas de áudio foram usadas para sobrepor efeitos, inserir BG's e trilha que reproduzisse com maior verossimilhança o tempo cronológico da narrativa e sua paisagem sonora. Para as ocasiões de tensão, romance, alegria e medo, que marcam passagens de tempo na trama, usamos efeitos *fx* diante da dificuldade técnica em produzir um desenho de som original.

Alguns efeitos de som foram criados no próprio laboratório, como os referentes à água do rio. Para reproduzir o som de um corpo caindo ao chão usamos um membro da equipe como voluntário. Com um gravador manual ele se jogou ao chão diversas vezes, de diversas formas, para reproduzirmos da melhor forma possível as cenas em que os supostos assaltantes são mortos. Para a cena inicial da crônica original, temos a seguinte descrição: “Uma donzela estava um dia sentada à beira de um riacho, deixando a água do riacho passar por entre os seus dedos muito brancos, quando sentiu o seu anel de diamante ser levado pelas águas”. Pensar em como criaríamos essa imagem sonoramente foi complicado dentro do tempo disponível. Logo, decidimos que não teríamos condições técnicas de tentar reproduzir esta parte e criamos uma fala da personagem, na qual ela própria fala do acontecido: “(!) Ai meu Deus!/ (?) E agora?/ (?) O que eu vou fazer?/ (!) Perdi o meu anel!/ Acho que eu deixei cair no riacho...//”.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O radioconto *A Donzela* é um produto radiofônico com duração de 13'54”, adaptado do conto *A Verdade*, de Luís Fernando Veríssimo, utilizando técnicas tradicionais da radiodramaturgia, como a interpretação de textos - e não a leitura - e o cuidado especial com a sonoplastia para criar ambientação e clima emocional nas cenas. A história narra a vida de uma donzela chamada Anabelle, que perde o seu anel e mente para o pai, alegando que havia sido roubada. Tentando encontrar o ladrão, o pai da jovem mata dois homens inocentes até encontrar um pescador. Para não morrer, ele inventa outra mentira e joga toda a culpa para Annabelle, que recebe uma sentença de morte, sendo enforcada.

O primeiro passo para a definição dos trabalhos práticos foi resultante das aulas teóricas, com discussões sobre a área Rádio Educativo. Após leituras e discussões em

classe, nos dividimos em equipe e partimos para a pesquisa do conto a ser adaptado. As discussões em torno do texto a ser escolhido aconteceram tanto em sala quanto pelas redes sociais. Após filtrarmos os contos que a própria equipe sugeriu, concordamos que o melhor texto a ser adaptado seria *A Verdade*, de Luís Fernando Veríssimo, como citamos anteriormente. O texto foi lido e analisado por todos, que opinaram e avaliaram a exequibilidade do projeto. O passo seguinte foi o processo de definição das funções de cada membro da equipe para viabilizar os trabalhos de gravação: roteirista, diretor geral, produção, desenho de som, atores, editores.

6 CONSIDERAÇÕES

Todo o processo de produção, desde a escolha do conto, a adaptação da obra, as gravações e por fim a montagem do produto nos permitiu enxergar os mínimos detalhes que uma obra como o radioconto pode promover. Pensar o som como a principal peça de uma obra é realmente complexo, entretanto, nos aprimora quanto aos aspectos sonoros de qualquer produto, seja ele audiovisual ou somente sonoro. No caso de um produto radiofônico, o som é o grande condutor da narrativa, o responsável por despertar sensações no espectador, por isso a importância de se pensar a sonoridade da obra em todos os detalhes.

Diferentemente do cinema e da televisão, que se beneficiam de sons e imagens para contar uma história usando artifícios de cenário, figurino, iluminação e interpretação dos atores, no rádio, esses elementos são dispostos unicamente através do som, suscitando a imaginação dos ouvintes, fazendo-os pensar a imagem. Por fim, a realização do radioconto nos proporcionou grande experiência na área da radiodramaturgia. Foi a possibilidade de nos distanciarmos um pouco das obras televisivas - não desprezando o valor que o produto audiovisual possui - para valorizar a importância que o som desempenha ao evocar emoções que partem da imaginação dos espectadores.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMI, Antonio. **Radioconto, radiorromance, radiopoesia**: o rádio educativo. REVISTA USP, São Paulo, n.56, p. 86-91, dezembro/fevereiro 2002-2003. Disponível em: <<<http://www.usp.br/revistausp/56/11-antonio.pdf>>>. Acesso em: 24 de maio de 2015.

ADAMI, Antonio. O livro e a imagem sonora. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro 2001. Disponível em: <<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP6ADAMI.pdf>>>. Acesso em: 24 de maio 2015.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som: um manual prático I; trad. Pedrinho A. Guareschi.- Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.

GOLDFEDER, Miriam. **Por trás das ondas da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

MEDEIROS, Ricardo. **Dramas no Rádio**: a radionovela em Florianópolis nas décadas de 50 e 60. Florianópolis: Insular, Fundação Frankin Cascaes, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas. Volume I. 5. Ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.